

GONÇALO AMORIM | PRIMEIROS SINTOMAS  
**F\*\*\*R E IR ÀS COMPRAS**  
(SHOPPING AND F\*\*\*ING) DE MARK RAVENHILL



15, 16, 17 E 18 NOV. | SALA DE ENSAIO | CCB  
DIA 15, 16 E 17: 21H00 | DIA 18: 16H00

Texto: Mark Ravenhill

Tradução: Ana Bigotte Vieira

Direcção Artística e Encenação: Gonçalo Amorim

Interpretação: Carla Maciel, Carloto Cotta, Pedro Carmo, Pedro Gil e Romeu Costa

Co-Produção: Primeiros Sintomas / CCB

**"Acho que todos precisamos de histórias, nós inventamos histórias para nos aguentarmos. E penso que há muito tempo havia grandes histórias. Histórias tão grandes que podias viver a vida toda nelas. (...) Mas todas elas morreram ou o mundo cresceu ou ficou senil ou nos esquecemos, e então agora estamos todos a fazer as nossas próprias histórias. Pequenas histórias. O que acontece de diferentes maneiras. Mas cada um tem uma."**

**Mark Ravenhill, Shopping and Fucking (fala de Robbie)**

O nome é provocatório, tal como a peça. Mark Ravenhill reúne toda a brutalidade, inteligência e ironia do seu trabalho no título – Shopping & F\*\*\*ing. De facto, há dois planos políticos que se entrecruzam e tecem a peça: *F\*\*\*r e ir às Compras* é, por um lado, um *check-up* à sociedade de consumo e, por outro, revela uma sensibilidade extrema quanto à dinâmica das relações.

Mark, um toxicodependente em recuperação, comprou Robbie e Lulu no supermercado. Segundo revela, procura relações que nada signifiquem, que sejam como transacções, uma vez que proclama "nada de dependências". Personagens que usam o dinheiro como anestesia, que fazem do consumo uma vacina para o desejo, para, no limite, se tornar explícito que não dá, não funciona. E no entanto vai funcionando... Uma reflexão sobre a globalização, a violência e o corpo, questões que estão instaladas nas sociedades contemporâneas e que se materializam em cenário de cartão rasgado e em actores que vomitam palavras, procurando com o seu corpo a solução.

## TRÊS PERGUNTAS A GONÇALO AMORIM, ENCENADOR

Por Ana Dias Ferreira

### **À imagem do próprio título, esta peça tem uma linguagem muito directa, que pode ser considerada agressiva. Foi isso que lhe chamou a atenção?**

Não propriamente, o que me chamou a atenção neste texto foi a sua inteligência, ironia e sentido de humor, e também a sua actualidade e relação com a sociedade portuguesa do princípio do século XXI. Apesar de ser um texto inglês do princípio dos anos noventa, a sua realidade só agora se compreende totalmente em Portugal, apanhados que estamos, definitivamente, pelos efeitos da globalização. Claro que a crueldade deste texto me desperta a atenção, e a explosiva combinação desta frieza sádica com a sua acutilância política resulta no que já muitos disseram ser o retrato mais fiel deste texto, ou seja, a junção de Sade e Marx, numa mesma matéria artística.

### **Porquê a escolha do cenário de cartão rasgado?**

O cartão é a pele publicitária, a aparência atraente dos objectos que consumimos, uma pele supérflua que deitamos fora para podermos chegar ao seu conteúdo. Mas na realidade são estas imagens, impressas nas embalagens, que nos mostram o que é bom, o que é bonito, o que devemos comer, com quem nos devemos parecer e que nos fazem correr atrás de um mundo imaginário criado por uma sociedade consumista.

O espaço cénico de f\*\*\*r e ir às compras procura recriar esta sociedade sem conteúdo, frágil e vazia como caixas de cartão, mas agora do avesso, isto é, que nos aparecem como aquilo que são: uma ilusão.

### **É a primeira vez que encena uma peça com actores profissionais. Pode comentar como tem sido a experiência?**

Quando este projecto foi concebido, e se apresentou a concurso junto de algumas entidades, há cerca de dois anos, era de facto o meu primeiro trabalho com actores profissionais, entretanto deixou de o ser. Está a ser uma experiência muito boa, o elenco é de grande qualidade, exige-me muito e eu a eles.